



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
INSTITUTO DE LETRAS - LIP
LICENCIATURA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA - PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA LSB-PSL

LORRANE MARRA PIGNATA CURADO

DISCUSSÕES SOBRE O ENSINO DE LITERATURA PARA SURDOS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

BRASÍLIA/DF

2022



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA - UNB
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
INSTITUTO DE LETRAS - LIP
LICENCIATURA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA - PORTUGUÊS COMO
SEGUNDA LÍNGUA LSB-PSL

LORRANE MARRA PIGNATA CURADO

DISCUSSÕES SOBRE O ENSINO DE LITERATURA PARA SURDOS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito para conclusão do curso de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua da Universidade de Brasília.

Orientador: Prof. Patrícia Tuxi do Santos

BRASÍLIA/DF

2022

LORRANE MARRA PIGNATA CURADO

**DISCUSSÕES SOBRE O ENSINO DE LITERATURA PARA SURDOS:
UMA PROPOSTA DE ENSINO PARA ALUNOS DA EDUCAÇÃO FUNDAMENTAL**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado a Unidade de Brasília - UNB, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciatura em Língua de Sinais Brasileira – Português como Segunda Língua da Universidade de Brasília.

Brasília/DF, 21 de dezembro de 2022.

Prof. Patrícia Tuxi do Santos

Orientador

Membro da Banca

Membro da Banca

BRASÍLIA/DF

2022

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a Deus, que fez com que meus objetivos fossem alcançados, durante todos os meus anos de estudos.

Agradeço a minha orientadora Patrícia Tuxi do Santos por aceitar conduzir o meu trabalho de pesquisa.

A todos os meus professores do curso de Língua Sinais Brasileira- Português como Segunda Língua da Universidade UnB pela excelência da qualidade técnica de cada um.

Aos meus pais Viviane Almeida e o Paulo César que sempre estiveram ao meu lado me apoiando ao longo de toda a minha trajetória.

Agradeço a minha madrinha da Lilian Pazzini por sempre me fazer pensar sobre meu trabalho de pesquisa e corrigir de português com comigo paciente.

Agradeço o meu afilhado do Luiz Carlos pelo apoio que sempre me deram durante toda a minha vida.

Agradeço o meu namorado Guilherme Souza por estar ao meu lado em todos os momentos.

Também agradeço a meus amigos Heverson Bruno e a Ariane Patrícia que sempre me ajudou com sua vasta experiência desde o início deste projeto de pesquisa.

Agradeço a todos os meus colegas de curso, pela oportunidade do convívio e pela cooperação mútua durante estes anos.

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas

Karin Strobel

RESUMO

Resumo: O presente trabalho versará sobre a literatura surda a partir de uma revisão bibliográfica e dos trabalhos específicos em torno da cultura surda. Faremos, além disso, uma reflexão sobre o trabalho de surdos artistas, escritores, atores, na tentativa de se criar literatura surda, do surdo, pelo surdo e para o surdo. Das várias iniciativas até chegar a metodologias que temos hoje. O trabalho tradutório realizado por vários educadores surdos e ouvintes, sempre buscando como referência valorização e criação de material literário para crianças e adultos surdos. a partir das narrativas produzidas, em Libras - Língua brasileira de sinais – com alguns levantamentos sobre leitura, intervenção e criação

Palavras-chave: Língua de Sinais Brasileira; Literatura Surda; Metodologia; Surdos.

ABSTRACT

Abstract: The present work will deal with deaf literature from a bibliographic review and specific works around deaf culture. We will also reflect on the work of deaf artists, writers, actors, in the attempt to create deaf literature, by the deaf, by the deaf and for the deaf. From the various initiatives to the methodologies we have today. The translation work carried out by several deaf and hearing protectors, always seeking as a reference, appreciation and creation of literary material for deaf children and adults. from the narratives produced, in Libras - Brazilian Sign Language - with some surveys on reading, intervention and creation

Keywords: Brazilian Sign Language; Deaf Literature; Methodology; Deaf.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Pedro II.....	20
Figura 2 – E. Huet.....	21
Figura 3 - Charles-Michel de l'Épée	21
Figura 4 - Literatura Surda.....	23
Figura 5 - Librando - Compartilhando Literatura Surda.....	26
Figura 6 - Materiais Bilingues LSB – Português.....	27
Figura 7 - Materiais Bilingues LSB - Português	27
Figura 8 - Cultura Surda: Arte e Literatura	28
Figura 9 - A Surpresa.....	32
Figura 10 - O Mosquito.....	33
Figura 11 - O Livro de Surdo	34
Figura 12 - A Flecha	34
Figura 13 - Esta é Silvia.....	35
Figura 14 - A-Z: A Mistura	36
Figura 15 - O Mico da Festa.....	36
Figura 16 - Obras Traduzidas	39
Figura 17 - Trechos Os Três Porquinhos e A Branca de Neve	40
Figura 18 - Obras Adaptadas	40
Figura 19 - Trechos Adão e Eva, O Patinho Surdo e Cinderela Surda.....	41
Figura 20 - Obras Criadas	42
Figura 21 – Quadrinho	43
Figura 22 - Trechos Tibi e Joca e O Feijãozinho Surdo	43

LISTA DE SIGLAS

LSB - Língua de Sinais Brasileira

LS - Língua de Sinais

UFSC - Universidade de Federal Santa Catarina

VV - Vernacular Visual

CL - Classificadores

SUMÁRIO

1.	INTRODUÇÃO.....	14
1.1.	A IMPORTANTE DA PESQUISA.....	14
1.2.	AS FILOGOFIAS EDUCACIONAIS PARA SURDOS	15
1.3.	ENSINO DE LITERATURA.....	16
1.3.1.	OBJETIVO GERAL	16
1.3.2.	OBJETIVOS ESPECÍFICOS	16
2.	LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA	17
2.1.	LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS.....	17
2.2.	EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL	18
2.3.	LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS E LITERATURA SURDA	20
2.4.	ADAPTAÇÃO LITERÁRIA E MATERIAIS DIDÁTICOS	21
3.	METODOLOGIA DE ENSINO DA LITERATURA EM LSB	23
3.1.	PAPEL DO PROFESSOR COMO NARRADOR DE OBRAS LITERÁRIAS..	23
3.2.	NARRATIVA LITERÁRIA EM LSB.....	24
3.3.	LITERATURA SURDA: HISTÓRIAS DE INFANTO-JUVENIL	24
3.4.	PRODUÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÕES CULTURAIS: MATERIAIS BILINGUES EM LSB – PORTUGUÊS.....	26
4.	AS CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA EM LSB	27
4.1.	CULTURA SURDA NA PERSPECTIVA DA ARTE	27
4.2.	ELEMENTO ESTÉTICOS E ARTÍSTICOS DA LITERATURA SURDA	27
4.2.1.	O TEXTO EM LINGUA PORTUGUESA ADAPTADA A LSB	28
4.2.2.	EXPRESSIVIDADE CORPORAL E FACIAL	29
4.3.	GÊNEROS DA LITERATURA SURDA	30
4.3.1.	HUMOR	30
4.3.2.	POESIA	32

4.3.3. FÁBULAS.....	33
4.3.4. CONTOS	34
4.4. TIPOS E USOS DE CLASSIFICADORES E VISUAL VERNACULAR EM LSB.....	35
4.5. REGISTROS DA LITERATURA EM LSB: ADAPTAÇÃO, TRADUÇÃO E CRIAÇÃO EM LSB.....	37
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	44

1. INTRODUÇÃO

A pesquisa que se segue, tem importância ímpar, pois durante toda a história da educação de surdos, e na formação de sua cultura, sempre foi escasso material sobre literatura surda ou para surdos. O que se tinha era literatura portuguesa ouvinte, adaptada para crianças, e muitas vezes influenciadas pela cultura ouvinte, o que resultava numa adaptação que deixava a desejar. Identificamos que a evolução se deu pela vontade de se criar uma literatura própria, refletindo na necessidade de também se criar material de pesquisa, que no momento é bem escasso. Reconhecemos a necessidade de se criar material sobre literatura, de incentivar pesquisas, de produção de material em língua de sinais, sempre tomando por base a cultura e literatura ouvinte, tão rica, mas que precisa ser recriada pelo surdo e para o surdo.

O oralismo é uma abordagem pedagógica que ganhou força em 11 de setembro de 1880 no Congresso Internacional de Professores Surdos, em Milão. Após esse congresso, várias escolas adotaram a filosofia oralista, dispensando professores surdos e proibindo oficialmente o uso de sinais, sob a alegação de que destruiriam a aquisição da linguagem na modalidade oral. Essa filosofia utiliza-se de resíduos e treinamento de audição como parâmetros para a aquisição da fala e da linguagem, associados à leitura da expressão facial, sem a utilização da língua de sinais. Para os oralistas, a linguagem delimita-se apenas à fala.

No Brasil, a educação dos surdos teve início durante o segundo império, em 1857, foi fundado o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, atual Instituto Nacional de Educação dos Surdos (INES), que inicialmente utilizava a língua de sinais, mas que em 1911 passou a adotar o oralismo.

Comunicação total

A comunicação total defende a utilização simultânea de todos os recursos linguísticos, orais ou visuais, sem preocupação hierárquica, privilegiando a comunicação, e não apenas a língua. O objetivo principal era garantir a comunicação dos surdos entre si e entre surdos e ouvintes. Inclui todo o espectro dos modos linguísticos: gestos criados pelas crianças, língua de sinais, fala, leitura orofacial, alfabeto manual, leitura e escrita.

A comunicação total incorpora o desenvolvimento de quaisquer restos de audição para a melhoria das habilidades de fala ou de leitura orofacial, através de uso constante, por um longo período de tempo, de aparelhos auditivos individuais.

Por ser uma modalidade mista de comunicação entre a língua portuguesa e a de sinais, a sua aplicação é através de recortes gramaticais de uma e outra língua, gerando uma terceira modalidade de comunicação, conhecida como português sinalizado e/ou Bimodalismo.

Português sinalizado (ou bimodalismo)

O bimodalismo ou português sinalizado é o uso simultâneo de fala e de sinais, em que ocorre a introdução de elementos gramaticais de uma língua na outra. Por essa introdução, como a gramática de uma língua é diferente da outra, inviabiliza-se o uso adequado da língua de sinais, não permitindo o entendimento do surdo, sobre a informação ou, se há essa compreensão, a mesma ocorre em grau mínimo.

Nesse contexto seria a mesma coisa acreditar que poderíamos simultaneamente conversar com alguém fazendo uso do português e do inglês. Tal hipótese não poderia ser reunida em um mesmo discurso em razão da natureza linguística dessas duas Línguas.

Nos anos 1980, o bilinguismo passou a ser difundido. O bilinguismo acredita que o surdo deve adquirir a língua de sinais como língua materna (L1), com a qual poderá desenvolver-se e comunicar-se com a comunidade surda, e a língua oficial de seu país como segunda língua (L2), da qual fará uso para comunicar-se com a comunidade ouvinte. Defende a ideia de que as línguas – a de sinais (LSB – Língua de Sinais Brasileira) e a oral/escrita (língua portuguesa) – sejam ensinadas e usadas (isoladamente) sem que uma interfira e/ou prejudique a outra. Diferentemente das correntes oralista e da comunicação total, os pesquisadores do bilinguismo percebem o surdo como um sujeito com potenciais, que assume a sua surdez e a sua identidade cultural, distante das práticas clínicas e da identidade ouvinte até então praticada

Na prática, todas as correntes vistas demonstram a preocupação de seus precursores em procurar compreender e minimizar as necessidades específicas dos surdos. Porém, o que se presencia hoje nas escolas de surdos, apesar de todos os esforços, é que ainda não são oferecidas as condições necessárias para que os alunos surdos construam o seu conhecimento, pois na quase totalidade das instituições os professores não são proficientes e usuários da língua de sinais, recorrendo muitas vezes à prática bimodal para ensinar.

A principal idealização do trabalho é tornar indubitável que o consumo e a produção da literatura surda dentro da comunidade têm um destaque notável no que diz respeito ao uso como instrumento pedagógico nas escolas brasileiras, auxiliando o aprendizado do aluno por meio da linguagem visual, portanto sendo de extrema importância para a comunidade surda a produção e divulgação desse tipo de conteúdo.

1.1.1. Objetivo Geral

Identificar as características que fazem da literatura surda um bom instrumento de ensino para alunos surdos das escolas brasileiras.

1.1.2. Objetivos Específicos

Apresentar os elementos básicos que compõem uma obra diagnosticada como literatura surda; caracterizar aspectos importantes da produção e adaptação de conteúdo literário surdo. Destacar o papel dos agentes pedagógicos no ensino da literatura surda infanto-juvenil.

2. LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA

2.1. LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS

Língua Brasileira de Sinais (Libras) é um sistema linguístico de características visuais. Assim, é possível para Comunicação Surda estabelecer a comunicação por meio da Língua de Sinais, utilizando expressões faciais e corporais e suas variações linguísticas.

De acordo com Secretaria Nacional de Justiça (2009, p. 11) “a Língua Brasileira de Sinais é uma língua visual-espacial articulada por meio das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua usada por parte da comunidade surda brasileira”.

Com a edição da Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, verifica-se que houve o reconhecimento da língua de sinais como meio legal de comunicação e expressão, para a Comunidade Surda. Deste modo, implica deduzir que em os indivíduos podem, em qualquer lugar, comunicar-se com pessoas ouvintes ou surdas, sempre respeitando a Língua de Sinais Brasileira como marca de identidade e cultura do indivíduo surdo.

Anteriormente as pessoas imaginavam que a Libras não possuía estrutura linguística, mas apresenta sim todos os componentes encontrados nas línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e demais elementos. Preenche, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumental linguístico. (Secretaria Nacional de Justiça, 2009, p. 11)

A Libras é visual-espacial, que também utiliza para comunicação a expressão corporal. Tem estrutura diferente da língua portuguesa, que é oral auditiva.

A Língua Brasileira de Sinais é uma língua visual-espacial articulada por meio das mãos, das expressões faciais e do corpo. É uma língua usada por parte da comunidade surda brasileira. Reconhecida desde 2002 (Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002) como meio legal de comunicação e expressão entre as comunidades de pessoas surdas no Brasil, pode ser aprendida por qualquer pessoa interessada pela comunicação com essa comunidade. A LIBRAS apresenta todos os componentes das línguas orais, como gramática, semântica, pragmática, sintaxe e outros elementos. Preenche, assim, os requisitos científicos para ser considerada instrumental linguístico. Nas línguas de sinais, as configurações de mãos, juntamente com as localizações em que os sinais são produzidos, os movimentos e as direções são responsáveis por produzir os sinais que formam as palavras nessa língua. Ao contrário do que se imagina, não existe uma língua de sinais utilizada e compreendida universalmente. As línguas de sinais praticadas em diversos países diferem uma das outras e,

assim como para as línguas orais, existem dialetos ou variações regionais dos sinais. Esta é uma língua que tem estrutura própria. Um sinal remete a um signo linguístico, não existindo uma correspondência termo a termo com a língua oral, o que torna as duas línguas independentes. (Secretaria Nacional de Justiça, 2009, p.11)

Os parâmetros da língua de sinais são: configuração de mãos, ponto de articulação, movimentos, expressão facial e/ou corporal.

Os sinais em Libras são formados a partir da combinação da forma e do movimento das mãos e do ponto no corpo ou no espaço onde esses sinais são feitos. Na língua de sinais podem ser encontrados os seguintes parâmetros que formarão os sinais:

2.1. Configuração das mãos são as formas das mãos que podem ser da datilologia (alfabeto manual) ou outras formas feitas pela mão predominante (mão direita para os destros e mão esquerda para os canhotos), ou pelas duas mãos. Os sinais ACHAR, AMANHÃ e DETESTAR, possuem a mesma configuração de mão. A diferença é que cada uma é produzida em um ponto diferente no corpo.
2.2. Ponto de articulação é o local onde incide a mão predominante configurada, ou seja, local onde é feito o sinal, podendo tocar alguma parte do corpo ou estar em um espaço vazio, ou seja, longe do seu corpo.

2.3. Quanto ao movimento, os sinais podem apresentar ou não um movimento. Por exemplo, os sinais GOSTAR e PENSAR não têm movimento; já os sinais EVITAR e CORAÇÃO possuem movimento.

2.4. Expressão facial e/ou corporal são de fundamental importância para o entendimento real do sinal, sendo que a entonação em Língua de Sinais é feita pela expressão facial.

2.5. Desta forma, os verbos VIR e IR se opõem em relação à direcionalidade. (MENEZES, Jane Eire S. A e FEITOSA, Cléia Rocha S. F, 2017, p. 09)

2.2. EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL

Em 1855, Dom Pedro II, convidou o professor E. Huet para vir ao Brasil a ensinar Língua de Sinais Francesa, para alunos surdos, criando assim a primeira escola de educação de surdos.

Aqui no Brasil, o pioneiro na educação de surdos foi o professor francês E. Huet, que se mudou para o Brasil em 1855 a convite do imperador d. Pedro II. Aqui no Brasil, Huet esteve por trás da criação da primeira escola voltada para a educação de surdos, o chamado Imperial Instituto de Surdos-Mudos. (SILVA, ANO. p)

Foi-se criado então o instituto de Surdos-Mudos em 26 de setembro de 1857, através da Lei nº 839, mas somente alunos surdos do sexo masculino que poderiam frequentar

as aulas. O professor E. Huet também era surdo, ele também dirigia a escola, anos depois deixou a o cargo e foi para outro país.

Esse instituto foi criado por meio da Lei nº 839, de 26 de setembro de 1857, e recebia, em regime de internato, apenas alunos do sexo masculino. O professor francês, que também era surdo, lecionava e ocupava a direção da escola. Em 1861, no entanto, Huet abandonou a direção do instituto e foi para o México. (SILVA, ANO. p)

Em 1880, aconteceu o Congresso de Milão, onde entre outros, houve debate sobre utilizar ou não Língua de Sinais para ensino de alunos surdos nas escolas. Essa discussão sobre o uso das mãos, participaram somente entre grupos de ouvintes, no que resultou em votação, que decidiu pela não utilização da Língua de Sinais nas escolas e então continuaram utilizando a oralização no ensino de surdos nas escolas.

O sistema de ensino de Huet, que se baseava na utilização de sinais, teve sua difusão parcialmente prejudicada aqui no Brasil por causa de uma decisão tomada no Congresso de Milão, em 1880. Esse congresso determinou a proibição, na Europa, do uso de sinais e determinou que a educação de surdos deveria acontecer apenas por meio da oralização. (SILVA, ANO. p)

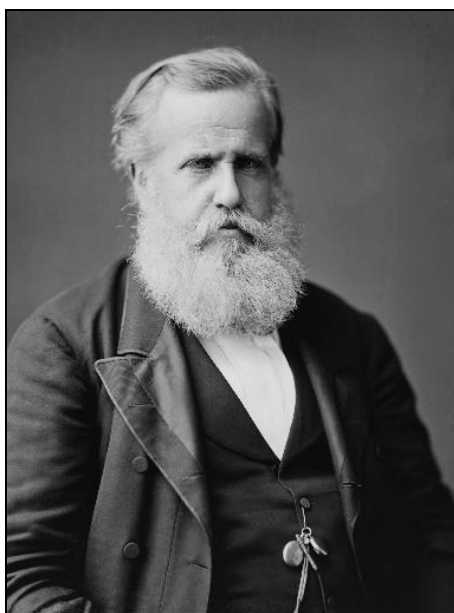


Figura 1 - Pedro II¹

¹ https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_II_do_Brasil



Figura 2 – E. Huet²

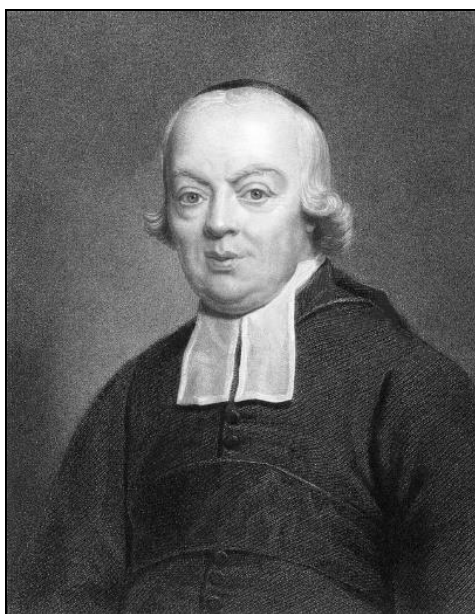


Figura 3 - Charles-Michel de l'Épée³

2.3. LITERATURA EM LÍNGUA DE SINAIS E LITERATURA SURDA

A Literatura em Língua de sinais é uma das principais produções culturais da comunidade surda que tem produções e criações próprias: livros de contos de fadas, poemas,

² <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/779/Libras%20AULA%2001%20-%20DF.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

³ https://pt.wikipedia.org/wiki/Charles-Michel_de_l'Épée

humor, narrativas, entre outros. No Brasil também é possível encontrar materiais e produções adaptados para língua de sinais, organizadas e adaptados por autores surdos e não surdos.

Historicamente, a literatura em língua de sinais tem sido uma das principais produções culturais da comunidade surda. Nela, é possível encontrar produções próprias de surdos, como poesias, anedotas e também traduções de obras da literatura infantil universal como os contos de fadas, as lendas e as fábulas. Embora não se possa precisar a origem ou quando surgiram as primeiras produções literárias em língua de sinais, sabe-se que, assim como a língua, a cultura surda se desenvolve a partir da interação entre sujeitos surdos. (SILVA, 2016, p.1)

A literatura surda está relacionada com a cultura surda. A literatura da cultura surda, contada na língua de sinais de determinada comunidade linguística, é constituída pelas histórias produzidas em língua de sinais pelas pessoas surdas, pelas histórias de vida que são frequentemente relatadas, pelos contos, lendas, fábulas, piadas, poemas sinalizados, anedotas, jogos de linguagem e muito mais. (KARNOPP, 2008. 14-15).

2.4. ADAPTAÇÃO LITERÁRIA E MATERIAIS DIDÁTICOS

As adaptações literárias para a língua de sinais, geralmente se baseiam em histórias clássicas da sociedade ouvinte, onde utilizando elementos fundamentais da língua de sinais e da cultura surda em seus enredos, possibilitam a criação de livros e narrativas adaptadas que facilitam o entendimento, gerando interesse, favorecendo a identificação e empoderamento dessa cultura pela comunidade surda.

As adaptações acontecem quando há alterações, mudanças claras relativas às questões culturais e linguísticas, durante a tradução de um conto já existente em outra língua e cultura para Libras. Nestas alguns dos personagens antes ouvintes passam a ser surdos, ou então, a interagir com personagens surdos. Nas adaptações, expressam-se a busca pela identidade surda e pelo empoderamento do povo surdo por meio do uso da língua de sinais. Histórias como Cinderela Surda, Rapunzel Surda, A cigarra surda e as formigas e O Patinho Surdo mostram que “os autores desses livros, conhecendo os clássicos da literatura mundial e seu valor, realizam adaptação para cultura surda, de forma que o discurso traga representações sobre os surdos” (MOURÃO, 2012, p. 3).



Figura 4 - Literatura Surda

No projeto Literatura Didática em Libras em UFSC, a partir de narrativas e histórias da cultura brasileira, professores e alunos adaptam para a língua de sinais e compartilham essas criações visuais, nas comunidades de alunos surdos das séries iniciais. O objetivo seria estimular a aprendizagem da língua de sinais, bem como a compreensão de contextos visuais que futuramente, esses mesmos alunos, compartilharão com outros grupos como sendo cultura surda brasileira. O papel dos professores frente a esses alunos é fundamental a compreensão e empoderamento dessa cultura.

O projeto Literatura Didática em Libras é uma atividade de extensão com professores e alunos do Departamento de Libras da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). As narrativas originais e humorísticas, foram criadas em Libras para alunos surdos iniciantes de Libras. O foco principal está na configuração de mão e nos elementos não manuais, o destaque desse material é explorar o humor surdo, realizado em Libras. O conteúdo das histórias mostra a cultura surda e a cultura brasileira. Cada uma dessas narrativas curtas, conta com ilustrações que apoiam e ampliam as ideias visuais dos sinais. Os professores podem usar estas histórias para estimular a aprendizagem da Libras, do humor surdo e dos tópicos nas narrativas. (GONÇALVES, 2021).

3. METODOLOGIA DE ENSINO DA LITERATURA EM LSB

3.1. PAPEL DO PROFESSOR COMO NARRADOR DE OBRAS LITERÁRIAS

O papel dos professores surdos que organizam adaptações de obras e narrativas literárias para alunos surdos nas escolas é de fundamental importância. Nessas adaptações, os alunos, ao verem os professores sinalizando, entendem mais claramente aspectos visuais e classificadores utilizados na língua de sinais, possibilitando o empoderando dessa cultura e a identidade surda.

Ao utilizar expressões não manuais, possibilitam e facilitam a compreensão e vivência de alunos surdos e ouvintes. Sem isso alunos surdos não conseguem assimilar o conteúdo dentro do contexto. Os professores auxiliam alunos surdos a entenderem e terem orgulho de sua identidade surda, entendendo e evoluindo com essas narrativas literárias adaptadas. Os materiais organizados por esses profissionais são de suma importância, pois os alunos têm acesso tanto a livros quanto aos sites dessa literatura adaptada e podem ler e/ou assistir as histórias em LSB.

O professor pode usar literatura em Libras para ensinar o conteúdo das histórias e a linguagem literária. Muitas vezes, os docentes surdos comentam que nas escolas contam narrativas de experiência pessoal, utilizam suas próprias experiências como pessoas surdas para serem apresentadas aos seus alunos, também surdos. Frequentemente, as histórias ajudam os alunos a aprenderem sobre o orgulho de ser surdo, as vitórias e os sucessos ou soluções de problemas por ser uma pessoa surda vivendo numa sociedade onde a maioria das pessoas é de ouvintes. O Armário, de Juliana Lohn, é uma versão em Libras de uma narrativa contada originalmente em BSL pela surda escocesa Rita McDade. Embora a história seja de uma pessoa surda de outro país, fala de um assunto que toca as emoções de todos os surdos. Trata do momento em que a mãe ouvinte de filhas surdas ouviu pela primeira vez as duas rindo e felizes porque estavam usando a língua de sinais. Por isso, a mãe as deixou se comunicarem por meio de sinais e parou de obrigá-las a usarem apenas a oralização. Essas narrativas de experiência pessoal de professores, ou de outras pessoas, surdos, são uma parte importante da pedagogia surda em que os docentes incentivam os alunos a terem uma identidade forte e que fiquem contentes por serem surdos (GONZALES, 2017). Histórias fundamentadas em elementos da Libras são criadas para alunos de diversas idades. As narrativas curtas e humorísticas podem focar nas configurações de mão dos números (por exemplo O Pássaro e Os Animais, criadas por Juliana Lohn e Jaqueline Boldo, apresentadas por Juliana Lohn) com objetivo de estimular o conhecimento numérico,

dos sinais para os animais, ou o uso de incorporação. As narrativas antropomórficas de Marina Teles que usam apenas uma configuração de mão, também usam expressões não manuais muito fortes e os personagens são surdos (veja A Vaca Surda de Salto Alto, Um Morcego Surdo no Busão, Macaco Surdo Fazendo Música, A Formiga Indígena Surda e O Churrasco da Banana Surda). (SUTTON-SPENCE. pg. 241)

3.2. NARRATIVA LITERÁRIA EM LSB

A narrativa literária em LSB, preferencialmente, deveriam ser realizadas por surdos, com elementos específicos da língua de sinais. Isso possibilitaria a criação de narrativas de temas com identidade surda, porém ouvintes podem participar das comunidades surdas, esse contato e compartilhamento em língua de sinais é importante. Nas famílias, que é CODA, que são ouvintes que podem auxiliar na criação dessas narrativas em língua de sinais.

Os principais contadores de histórias em Libras são pessoas surdas. Elas têm a língua, a cultura e as habilidades para produzir formas de arte e querem compartilhar suas experiências com outros membros da comunidade. Algumas pessoas ouvintes com pais ou irmãos surdos que dominam bem a Libras¹⁴ contam histórias em Libras porque participam da comunidade surda, apesar de não serem surdos. Aprendiz ouvintes podem aprender técnicas de contação de histórias ao contá-las, o que vai ajudar nos seus estudos de elementos específicos da língua. No entanto, em sua maioria, os principais contadores são surdos. (Literatura em Libras – pg 66)

3.3. LITERATURA SURDA: HISTÓRIAS DE INFANTO-JUVENIL

Sabemos que quando as crianças, surdos e não surdos, começam a dominar a língua, é importante o uso de histórias de infantis, para que compreendendo a história, evoluam, cada um na sua própria língua materna. A Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC criou o site LIBRANDO- COMPARTILHANDO LITERATURA SURDA, onde dentro de uma variedade de livros adaptados de histórias infantis, as crianças podem acessar e escolher as que mais interessarem.

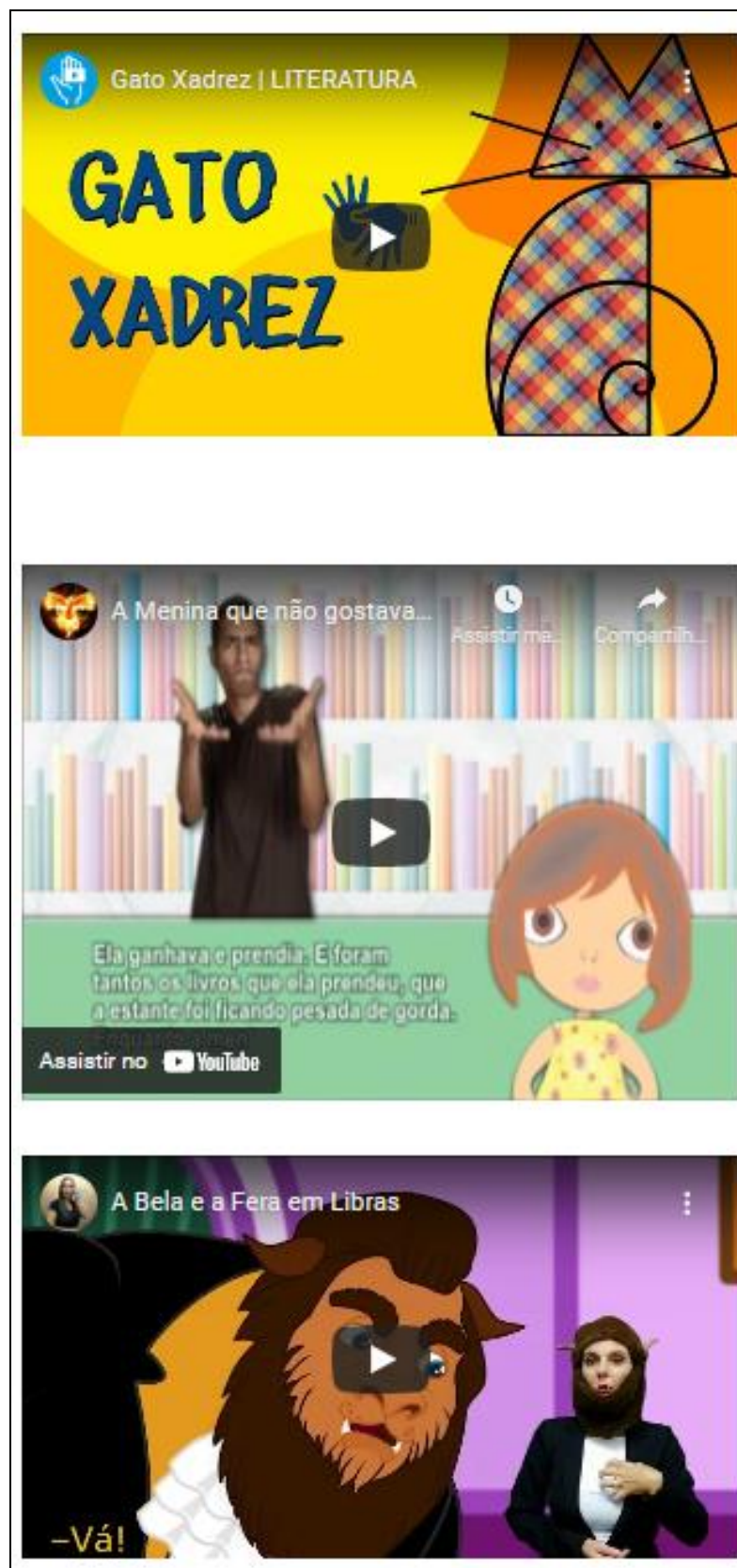


Figura 5 - Librando - Compartilhando Literatura Surda⁴

⁴ <https://librando.paginas.ufsc.br/traducoes-infantis/>

3.4. PRODUÇÃO EDITORIAL E PRODUÇÕES CULTURAIS: MATERIAIS BILINGUES EM LSB – PORTUGUÊS

No site de editoria Arara Azul encontramos materiais bilíngues em Libras - Português, acessíveis as comunidades de surdos e não surdos, que queiram assistir a vídeos ou livros adaptados em Libras. A editora criou também um aplicativo para pessoas que gostam utilizar no celular para assistir ou ler facilitando o acesso a produções culturais, histórias e narrativas próprias para a cultura surda. Isso mostra o quanto é importante, a criação de materiais bilíngues Libras e Português. que precisam do conhecimento dessa literatura em LSB.



Figura 6 - Materiais Bilingues LSB – Português⁵

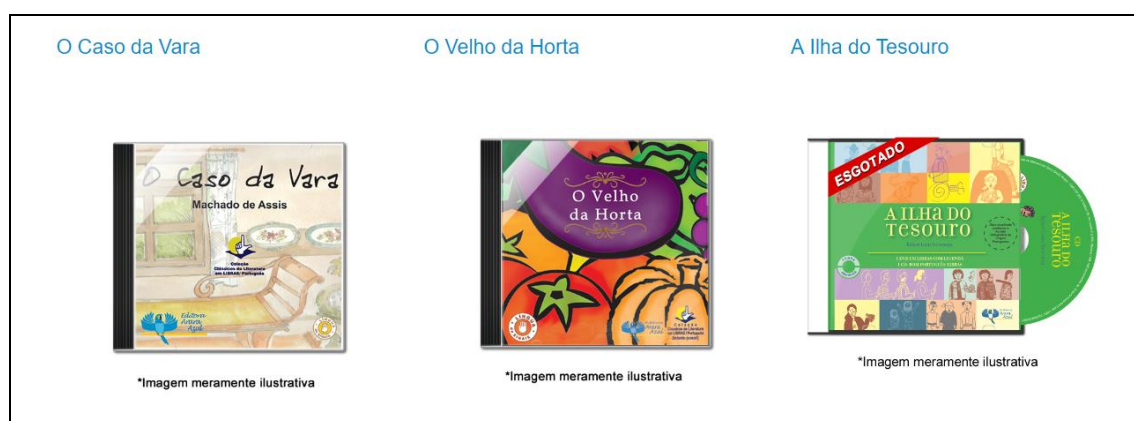


Figura 7 - Materiais Bilingues LSB - Português⁶

⁵ <https://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/3>

⁶ <https://editora-arara-azul.com.br/site/produtos/3>

4. AS CARACTERÍSTICAS DA LITERATURA EM LSB

4.1. CULTURA SURDA NA PERSPECTIVA DA ARTE

Nas comunidades surdas, a comunicação é essencialmente visual. Nesse contexto, a literatura quando aliada a arte é de suma importância. As criações são as mais variadas abrangendo artes plásticas, teatros, poesia, contração de histórias, livros etc. Através da arte os surdos utilizando principalmente através da língua de sinais, criam os seus personagens e performances, onde um dos principais objetivos seria divulgar a cultura surda.

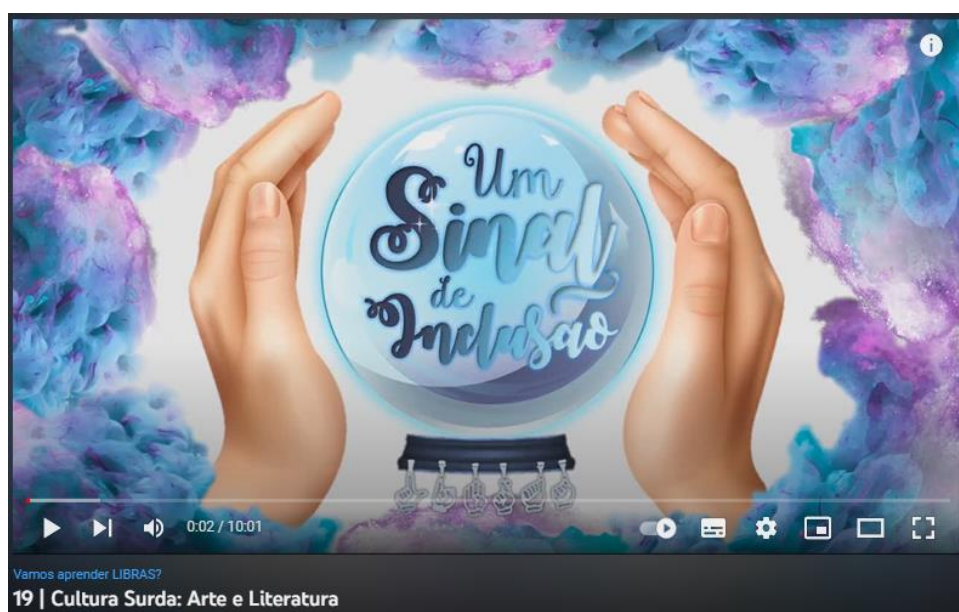


Figura 8 - Cultura Surda: Arte e Literatura⁷

4.2. ELEMENTO ESTÉTICOS E ARTÍSTICOS DA LITERATURA SURDA

Na literatura surda ao utilizar elementos estéticos, na interpretação de poemas, narrativas, teatro e humor, utilizam contextos próprios da vivência nas comunidades, e os demais surdos vivenciam, se identificam e apreciam essas adaptações artísticas possibilitando criar uma literatura visual, através da pintura, dança, vídeos. Vemos que os elementos estéticos são:

⁷ <https://www.youtube.com/watch?v=9zjT-3StnUk>

A experiência corporal das pessoas surdas é, na maioria, de visão e de tato ao invés de som, e a linguagem estética da literatura destaca isso. Já falamos que a Libras artística e literária nos poemas, nas narrativas, no teatro e até nas piadas, centra-se na linguagem estética visual. A linguagem estética apela aos sentidos e por meio dela o artista surdo busca criar uma experiência para o seu público, em vez de apenas afirmar algo ou dar uma informação.

No capítulo anterior, vimos três principais opções para a criação de sinais visuais (vocabulário, incorporação e classificadores), mas há outros elementos da literatura em Libras que contribuem para gerar emoção no público. A Libras criativa é uma forma de arte linguística que compartilha elementos em forma de arte visual e arte visual em movimento. Frequentemente, a literatura vai além do vocabulário da Libras para criar algo muito mais visual. Às vezes, a literatura em Libras é mais parecida com a pintura, a dança, o filme e o cinema e tudo isso compõe um elemento estético (ROSE, 1992; CASTRO, 2012). (SUTTON-SPENCE. pg. 55)

4.2.1. O texto em Língua Portuguesa adaptada a LSB

Os textos literários em língua portuguesa por autores não surdos, ao serem adaptados para LSB, por autores surdos, tornam possível que pessoas surdas, se apropriem destes textos e ao utilizarem as características culturais da comunidade surda, a identificação clara dentro dessas histórias, como exemplo temos: “Cinderela Surda”, onde os personagens principais adquirem características próprias da comunidade surda, onde “a Cinderela e o Príncipe” são surdos ao invés de perder o sapato, ela perde a luva, que é uma característica marcante da cultura surda.

Essas histórias que são feitas por não surdo, se não adaptadas, seriam de difícil compreensão para indivíduos surdos. Isso é fundamental para que crianças surdas se identifiquem dentro das narrativas, também utilizando ilustrações e imagens, criando empatia e entendendo mais claramente os enredos propostos.

As adaptações de histórias traduzidas para Libras são destacadas especialmente por adaptarem seu enredo para incluírem nele personagens surdos (MOURÃO, 2011).

Quando contamos os contos tradicionais em língua de sinais, apesar de mantermos o enredo básico, adicionamos esses elementos culturais da comunidade surda. Já vimos no capítulo 8, que no conto Cinderela Surda, a maior parte do enredo fica igual ao tradicional (a Cinderela é proibida de ir ao baile, mas a madrinha a ajuda ir, ela encontra o Príncipe, foge à meia noite etc.), mas existem adaptações feitas especialmente para os surdos, como aquela em que a Cinderela e o Príncipe são surdos e, em vez de perder o sapato, ela perde a luva, que é uma marca surda porque enfoca as mãos (em outras ela perde o aparelho auditivo).

Nas versões diferentes do conto Os Três Porquinhos, ou todos são surdos, com comportamento surdo, ou os porquinhos são surdos e o lobo é ouvinte. Essas alterações nem sempre eram comuns e não são iguais em todos os países. Um surdo britânico observou que, até os anos 80, os surdos que contavam histórias clássicas em BSL não as adaptavam, porque acreditavam que isso era uma falta de respeito aos ouvintes por estarem mexendo nas suas narrativas. Isso também acontece com as histórias da Bíblia. Algumas pessoas acham que não devem adaptá-las, mas há surdos que já contaram adaptações em que foram incluídos personagens também surdos. A surda britânica, Penny Beschizza, contou a história de Moisés, a travessia do Mar Vermelho e a divisão das águas, mas incluiu no enredo um grupo de surdos. Estes ficaram por último na travessia e demoraram muito porque estavam sinalizando entre si e admirando os peixes na água. Estavam em perigo de os egípcios os pegarem ou de morrerem afogados quando as águas se fechassem, mas Deus mandou alguns raios e relâmpagos como distratores e eles conseguiram chegar na praia vivos. Depois desse reconto com adaptação, um surdo disse que foi a primeira vez na sua vida em que sentiu que a Bíblia realmente o tocou como surdo. (SUTTON-SPENCE. pg. 223)

4.2.2. Expressividade corporal e facial

Expressão facial e corporal, tem um papel primordial dentro da cultura surda. Ao serem inseridos na literatura através de textos teatrais, humor, poemas e narrativas, tornam mais fácil seu entendimento.

Algumas pessoas de fora das comunidades surdas, podem pensar que há certos exageros quanto a utilização da expressão facial e corporal, mas não é a questão. Esses elementos estruturais são essenciais para expressar sentimentos, emoções e certas características inerentes aos personagens. São extremamente necessários nas adaptações, um exemplo são os textos humorísticos, que exigem muita expressão facial e corporal. Em cada gênero literário a expressão corporal e facial e utilizadas de acordo com a necessidade, e são imprescindíveis para o entendimento do contexto de cada enredos. Expressam basicamente toda a emoção e sentimentos: tristezas, alegrias, medo que motivam as crianças e jovens.

Vemos frequentemente o uso de exagero no humor em Libras. Quando ele acontece, sugerimos que alguma coisa ou qualidade é mais do que ela na verdade é. Podemos exagerar uma coisa para ela ser grande demais, ou o tamanho pequeno pode ser exagerado para algo parecer ainda menor. Bergson observa que a transposição de um conceito para outro ambiente pode envolver uma mudança de escala, especialmente de pequena à grande, e isso é o uso do exagero. Quando o exagero for especialmente algum

tipo de distorção daquilo que é normal, o resultado frequentemente é cômico. (SUTTON-SPENCE, pg. 198).

4.3. GÊNEROS DA LITERATURA SURDA

Os gêneros da literatura são: humor, poesia, fábulas, contos que são adaptados a língua de sinais utilizando todos os elementos estruturais inerentes. Quanto textos clássicos da língua portuguesa e de outros países, são utilizados e adaptados a cultura surda, tanto para o público infantil quanto para o adulto. Em seus diversos contextos, associando-se a língua de sinais a cultura surda. As produções culturais, buscam legitimar politicamente a identidade surda a literatura.

4.3.1. Humor

No gênero humorístico, que é a contação de piadas, de temas variados, assim, surdos gostam e utilizam muito esse gênero. Fazem parte também desse gênero temas socialmente controversos, que possibilitem a criatividade, produzindo diferentes versões de piadas, diferentes abordagens linguísticas e culturais, através da inversão de olhares, cenas se explicitam certas vantagens de ser surdo, a comunicação com ouvintes, determinantes para o final feliz ou (in) feliz do humor.

Geralmente, os sinais humorísticos mostram elementos maiores e são feitos com movimentos ampliados e mais fortes. Sinais maiores criam um efeito cômico do qual o objetivo é exagerar ou caricaturar, expandindo uma distorção para torná-la mais saliente. Sinais menores também criam humor ao se reduzir um aspecto de algo, depreciar alguma coisa ou diminuir seu poder através do ridículo ou da incongruência. Tudo isso acontece pelo processo de “inversão” descrito por Bergson. O que foi grande agora parece pequeno e, portanto, é bem-humorado. Veremos isso nos sinais de vocabulário, ainda neste capítulo. Esse exagero é tão comum nas peças cômicas que quase todas elas têm exageros de alguma forma. Destacamos alguns exemplos: nas histórias Um Morcego Surdo no Busão e A Vaca Surda de Salto Alto, de Marina Teles, a expressão facial é intensificada especialmente para divertir o público infantojuvenil. Na história de Rodrigo Custódio da Silva, Eu x Rato, a expressão facial e os movimentos são exagerados para criar mais humor quando o narrador explica que não pode alcançar o pau para matar o rato e quando o bicho pula perto do rosto do personagem depois de ter seu rabo liberado. No poema Cinco Sentidos, de Nelson Pimenta, o movimento dos sinais é exagerado e a expressão facial é muito maior do que o normal, ainda mais

intensificada pela proximidade da câmera. No poema de perspectiva Tinder, de Anna Luiza Maciel, as expressões faciais e os movimentos do corpo são exagerados. Vemos isso também em Bolinha de Ping-pong, de Rimar Segala, na descrição exagerada dos dois jogadores e ainda em A Pedra Rolante, contada por Sandro Pereira. O exagero pode ser acompanhado por sinais mais lentos. Eles podem também ser realizados lentamente para que o público tenha tempo de apreciar a sinalização exagerada e engraçada. A sinalização em câmera lenta é também uma fonte de entretenimento. Embora sintamos a dor da Bolinha de Ping-pong, rimos ao ver o jogo em câmera lenta, com a expressão não manual e o movimento da cabeça exagerados. (SUTTON-SPENCE. pg. 198).



Figura 9 - A Surpresa⁸

⁸ https://www.youtube.com/watch?v=gAa0_bNdDH8

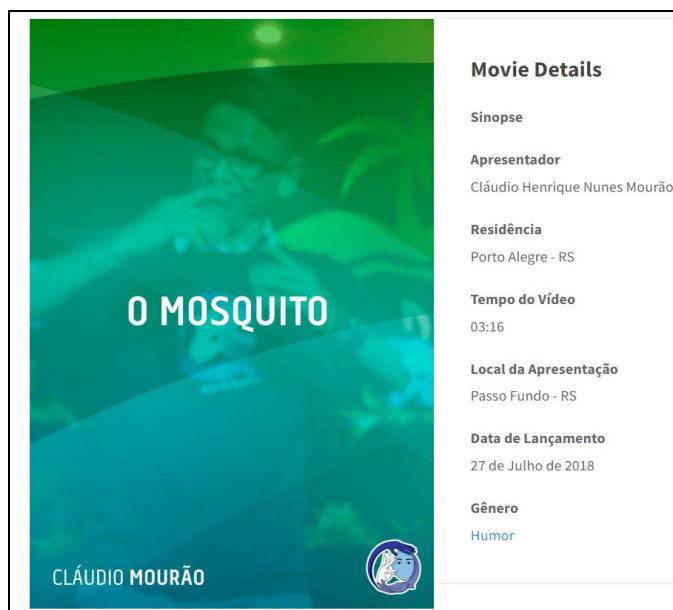


Figura 10 - O Mosquito⁹

4.3.2. Poesia

Outro gênero literário utilizado pela comunidade é a poesia. Os surdos têm uma vasta produção de poemas e poesia de temas variados, sempre utilizando a língua de sinais com sua estrutura visual.

A poesia tem se tornado uma das manifestações da cultura surda mais populares. Além dos códigos da linguagem de sinais, também são essenciais os diferentes gestos e movimentos do corpo de quem faz a poesia. Um exemplo é a imagem abaixo, da poesia O Livro de Surdo e A Flecha. Uma obra criada e apresentada em língua de sinais, onde não houve um processo tradutório de um texto em língua portuguesa para a língua de sinais, passando pelo processo tradutório. Porque a poesia é produzida pelo surdo em língua de sinais, com seus elementos que lhe são característicos.

⁹ <https://www.youtube.com/watch?v=nUrQFHpxe38>



Figura 11 - O Livro de Surdo¹⁰

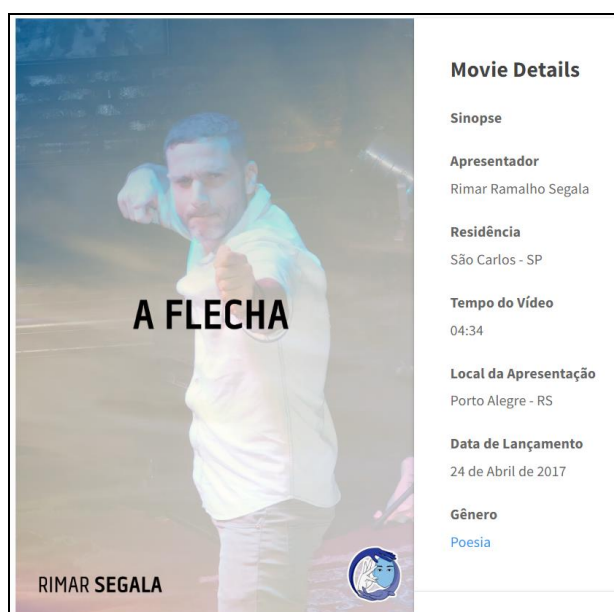


Figura 12 - A Flecha¹¹

4.3.3. Fábulas

Na literatura surda, estão presentes também as fabulas, nas sociedades ouvintes usam metáforas, imagens, com uma moral ou objetivo que o público deve entender, algumas dessas fabulas foram adaptadas para língua de sinais, utilizando classificadores, e demais estruturas

¹⁰ <https://www.youtube.com/watch?v=PCamj6Q1ZCs>

¹¹ <https://www.youtube.com/watch?v=OyFBuV6Ouxo>

próprias da língua, sempre incorporando características próprias da comunidade surda, que contadas também as crianças surdas, como são para crianças ouvintes.



Figura 13 - Esta é Silvia¹²

4.3.4. Contos

Outro gênero presente na literatura surda são os contos, que são textos resumidos de determinadas histórias. Um gênero literário que tem narrativa curta e originária da necessidade humana de contar, interpretar histórias para crianças surdas, utilizando recurso imaginário, levando os surdos a criar significados e ressignificar situações, emoções, enriquecendo também o objetivo da literatura surda como recurso didático.

¹² <https://www.ufrgs.br/maosaventureiras/>

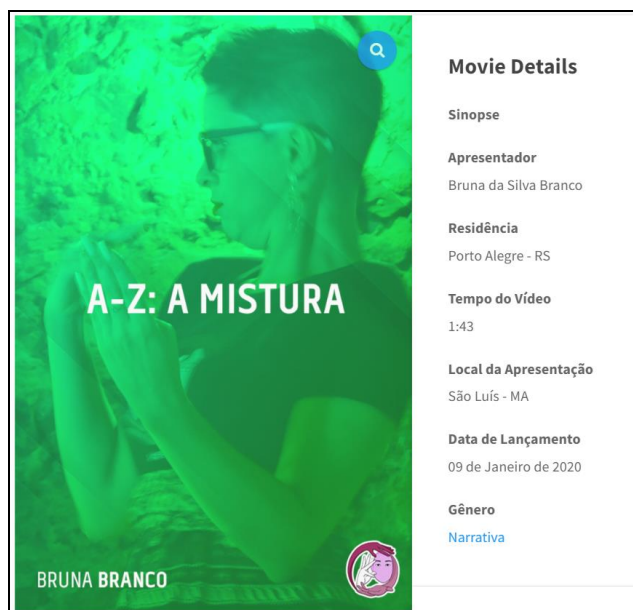


Figura 14 - A-Z: A Mistura¹³



Figura 15 - O Mico da Festa¹⁴

4.4. TIPOS E USOS DE CLASSIFICADORES E VISUAL VERNACULAR EM LSB

O uso de classificadores são muitos importantes em língua de sinais, que permitem a adaptação de textos de maneira visual. Essa narrativa visual permite as crianças surdas

¹³ <https://www.youtube.com/watch?v=VzmjYIs3es8>

¹⁴ <https://www.youtube.com/watch?v=9JTdcvXU0gw>

entenderem de maneira mais clara, possibilitando caracterização de pessoas, animais, tamanhos, formas.

Vimos no capítulo 04 que a Libras utiliza classificadores, em que as configurações das mãos são escolhidas a partir de um conjunto convencional da Libras, posicionadas e movidas no espaço a fim de mostrar como os personagens e os objetos se movem e se relacionam uns com os outros. Espera-se que qualquer boa história em Libras as utilize como um meio de criar um texto que seja visualmente divertido. Eu x Rato, de Rodrigo Custódio da Silva, é um bom exemplo. Nessa obra, ele conta uma história que mostra uma versão mais jovem de si mesmo caçando um rato na sala de ferramentas. Mas, ao invés de simplesmente nos contar o que fez, ele também mostra. O autor utiliza parcialmente o recurso da incorporação, mas a história também é notável por seu amplo uso de sinais classificadores que mostram o rato, seu rabo e o bastão, todos em uma disposição espacial complexa, mas de grande clareza. (SUTTON-SPENCE. pg. 60)

No caso do Visual Vernacular, apesar de não utilizar nenhum sinal próprio da língua de sinais, e realizado utilizando o próprio corpo, classificadores de corpo e expressão visual, muito utilizado pela comunidade surda para enriquecer narrativas. Temos uma grande quantidade de filmes, de variados temas, clássicos e originais, como poemas, poesias, crônicas utilizando somente o Visual Vernacular.

No entanto, a tendência atual de VV em Libras parte de outra perspectiva, haja vista que muitos contos atualmente são feitos por homens ou adolescentes sobre tópicos de ação, tais como lutas entre guerreiros, extraterrestres esquisitos e corridas de carro, construídos com muita energia e ritmo intenso. Nada impede que as mulheres criem em VV (e existem contadoras de VV reconhecidas), mas esse é um gênero atualmente mais ligado aos homens.

O conto VV, de Lúcio Macedo, é um bom exemplo de VV em Libras, pois é muito fílmico. Nele, o contador não usa nenhum sinal do vocabulário da língua. Às vezes ele usa o corpo inteiro para mostrar o movimento dos personagens e até se desloca para estar em dois lugares diferentes quando incorpora dois papéis. Por outro lado, Macedo usa classificadores com a incorporação, que fazem parte da Libras. A história é complexa, fala sobre duas pessoas, ocorre em dois tempos e em dois lugares diferentes, mas é sempre compreensível por causa das apresentações visuais.

No entanto, existem histórias apresentadas pela técnica VV sobre outros assuntos. Maurício Barreto utilizou-a quando contou a história bíblica Julgar a Prostituta, uma das mais dramáticas do Novo Testamento. (SUTTON-SPENCE. pg. 110)

4.5. REGISTROS DA LITERATURA EM LSB: ADAPTAÇÃO, TRADUÇÃO E CRIAÇÃO EM LSB

A literatura surda utiliza tanto livros da literatura clássica, como também criações novas. No caso de tradução, adaptação e criação são registros e registrada através de vídeos e filmes, sendo um acervo essencial para a comunidade surda.

Dentro da perspectiva da cultura surda, que é indissociável da Literatura Surda e que verte necessariamente em obras literárias voltadas para o povo surdo, podendo ser escrita por eles ou por ouvintes, há três divisões desse tipo de produção cultural, as quais são tradução, adaptação e criação. Essas divisões são classificatórias e existem com o intuito de categorizar o grau de aproximação dos textos com a cultura surda. A tradução se caracteriza, como o próprio nome diz, por transpor um livro em qualquer língua para a língua de sinais. Produção que se torna significativa principalmente para as crianças surdas, pois, dessa forma, conhecerão a cultura dos ouvintes, numa relação intercultural, como reitera Mourão (2012, p. 3): “Tais materiais contribuem para o conhecimento e divulgação do acervo literário de diferentes tempos e espaços, já que são traduzidos para a língua utilizada pela comunidade surda”; como nos dois volumes das 6 Fábulas de Esopo, da editora LSB Vídeo, traduzidas pelo poeta surdo Nelson Pimenta, e nos dois volumes das Aventuras da Bíblia, da editora Sociedade Bíblica do Brasil (SBB). (GOMES, 2016, pg.18)



Figura 16 - Obras Traduzidas¹⁵

A tradução e adaptação pode ser feita a partir de qualquer texto literário em português, exemplos Cinderela Surda, Rapunzel Surda, Patinho Surdo e Adão e Eva, todos especialmente para crianças surdas, dando acesso a cultura ouvinte, e se apropriando como literatura surda.

A seguir, um trecho d'Os Três Porquinhos e d'A Branca de Neve exemplifica o conteúdo de uma obra traduzida do português para a Libras. Aponta-se sua relevância não somente para que os surdos conheçam a cultura ouvinte e se familiarizem com o tipo de produção escrita e os ensinamentos perpassados pelas gerações ouvintistas, em uma relação intercultural, mas que o contrário também aconteça, principalmente de forma bilateral/bicultural, como o aprendizado aos ouvintes, para que também saibam mais sobre a cultura e a Literatura Surda, e conheçam a língua, os sinais e as expressões corporais que os surdos utilizam para se comunicar. (GOMES, 2016, pg. 19)

¹⁵ https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf



Figura 17 - Trechos Os Três Porquinhos e A Branca de Neve¹⁶

A adaptação se definiu como uma releitura do enredo original com possíveis modificações nos personagens, objetos, descrições, língua ou cultura; aspecto que favorece o povo surdo no tocante ao fortalecimento de sua própria identidade, dado o fato de se identificarem com a história ou com o personagem, porque o discurso traz representações sobre os surdos (MOURÃO, 2012). Há como exemplo Cinderela Surda e Rapunzel Surda, de Hessel, Rosa e Karnopp; Patinho Surdo e Adão e Eva, de Fabiano Rosa e Lodenir Karnopp; e todos da Editora da ULBRA. (GOMES, 2016, pg. 20)



Figura 18 - Obras Adaptadas¹⁷

¹⁶ https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf

¹⁷ https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf

Abaixo, vê-se três modelos de textos adaptados, um referente à história de Adão e Eva, outra d'O Patinho Surdo, adaptação d'O Patinho Feio, e Cinderela Surda, adaptação de Cinderela. As duas primeiras imagens mostram algo primordial para o povo surdo, por intermédio de personagens que na história original eram ouvintes e tiveram suas identidades e sua língua adaptadas pelos novos autores, ou seja, a conquista da língua de sinais, assim “uma das peculiaridades da cultura surda, é uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal” (STROBEL, 2008, p. 44). A próxima imagem, além de trazer os personagens principais como surdos, mostra que na nova adaptação de Cinderela, ela, ao invés de perder a sapatilha que representa o pé, perde a sua luva que representa e encobre a mão, a mão que faz os sinais, o agente produtor da comunicação. (GOMES, 2016, pg. 21)



Figura 19 - Trechos Adão e Eva, O Patinho Surdo e Cinderela Surda¹⁸

¹⁸ https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf

A criação e produção de livros de história em língua de sinais, com temas originais, torna possível que a comunidade surda, se aproprie dessa cultura, inicialmente só ouvinte.

A criação é a produção de um texto autoral em Libras, sem ligação com a cultura oral. Desse tipo, temos Tibi e Joca – Uma História de Dois Mundos, de Cláudia Bisol, da Editora Mercado Aberto; As Estrelas de Natal, de Karin Strobel e Alessandra F. Klein, da Editora Arara Azul; O Feijãozinho Surdo, de Liège Gemelli Kuchenbecker, da Editora da ULBRA; e Um Mistério a Resolver: O Mundo das Bocas Mexedeiras, de Maria A. Amin de Oliveira, Maria Lúcia Mansur Bomfim de Oliveira e Ozana Vera Giorgini de Carvalho, da Editora LSB Vídeo. (GOMES, 2016, pg. 21)

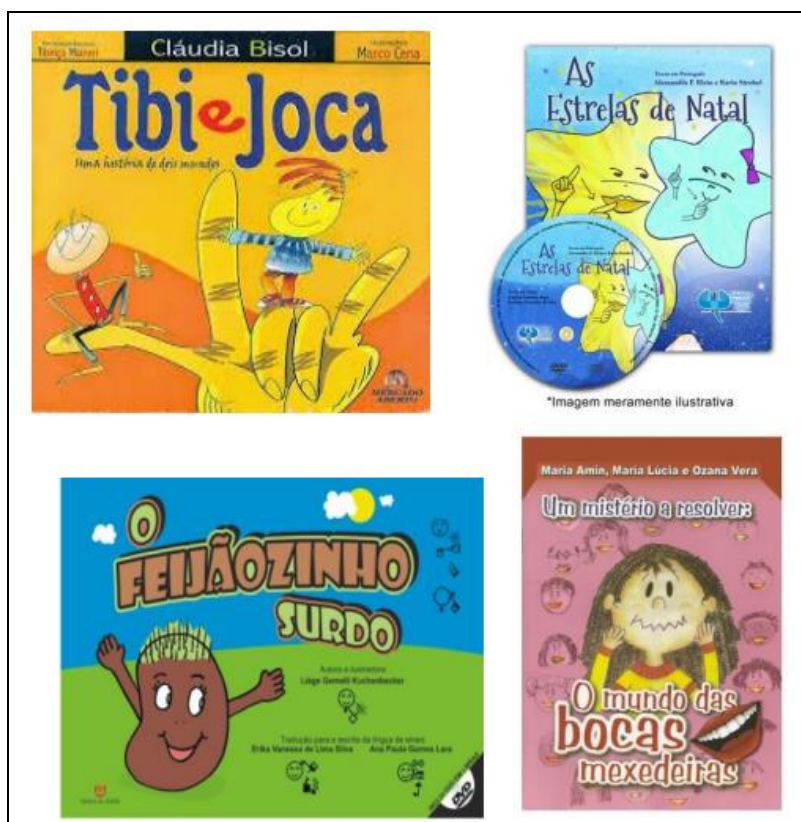


Figura 20 - Obras Criadas¹⁹

Dentro dos exemplares apresentados como exemplo de criação, elucida-se aqui mais especificamente trechos de Tibi e Joca e O Feijãozinho Surdo, posto que, no primeiro livro, a autora traz cenas iniciais da vida de um sujeito surdo, esteja ele inserido no contexto de uma família ouvinte ou surda, além de demonstrar a realidade familiar e social por ele vivida, por meio de imagens e alguns sinais

¹⁹ https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf

ao longo da obra. N'O Feijãozinho Surdo, em meio a um processo criativo, a autora reinventa os surdos se utilizando de um produto amado pelos brasileiros, o feijão, em uma apologia à semente que é plantada em bom solo, germina, cresce e dá outras sementes. Na figura desse grão, ela retrata os êxitos, os desafios e as perturbações das crianças surdas. (GOMES, 2016, pg. 22)



Figura 21 – Quadrinho²⁰

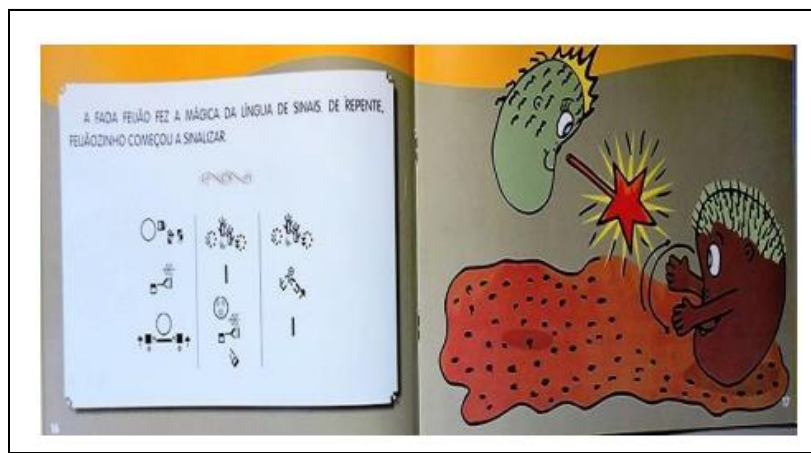


Figura 22 - Trechos Tibi e Joca e O Feijãozinho Surdo²¹

²⁰ https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf

²¹ https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Importante a pesquisa sobre a tema literatura surda, as histórias, poesias, contos e outras fontes literárias, são formas que a língua de sinais se apropria para proporcionar aprendizado, desenvolvendo a identidade e a cultura surda. Objetiva o incentivo a novas fretes de trabalho e pesquisa, em que os surdos tenham a oportunidade de criação, produzindo materiais que proporcionem as crianças e adultos surdos o gosto pela literatura. Que em futuro próximo, tenham mais oportunidade de desenvolvimento da criatividade, produzindo mais e mais materiais, sobre diversificados temas, proporcionando a comunidade surda a descoberta do mundo literário que está a sua frente, repleto de fantasia e nele, o prazer da leitura. Para tanto, é fundamental, o apoio da escola, familiares e comunidade. A inexistência de conteúdo literário tolhe do, aprendiz esse direito.

As narrativas possuem importante cunho informativo sobre a comunidade surda e a construção da identidade surda, e representam uma nova fonte do saber. Mas além disso, é preciso abrir espaço para outras manifestações literárias, como a ficção, poesia, a pesquisa e outras tantas formas criativas.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Secretaria Nacional de Justiça. **A Classificação Indicativa na Língua Brasileira de Sinais** / Organização: Secretaria Nacional de Justiça. Brasília/DF. SNJ, 2009.

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. **Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras e dá outras providências**. Diário Oficial da União. Brasília/DF. 25 de abril de 2002.

MENEZES, Jane Eire Silva Alencar de. FEITOSA, Cléia Rocha de Sousa. **Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS)**. 2ª Edição Revisada. Fortaleza/CE. EdUECE, 2015.

SILVA, Daniel Neves. **Língua Brasileira de Sinais (Libras)**. Brasil Escola.

SILVA, Arlene Batista da. **A tradução de literatura infantil para língua de sinais: diálogos entre as ilustrações e o corpo sinalizante**. In: V Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2016.

KARNOPP, Lodenir. **Literatura Surda**. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis/SC, 2008.

MOURÃO, LIBRANDO-compartilhando Literatura Surda. Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2022

GONÇALVES, Roseli. **Literatura Didática em Libras**. Mãos em Movimento Libras e Educação Especial.

SUTTON-SPENCE, Rachel. **Literatura em Libras**. Tradução Gustavo Gusmão. 1ª Edição. Petrópolis/RJ. Editora Arara Azul, 2021.

GOMES, Brenda Cruz. **Uma Análise das Obras da Literatura Surda Infantil do Brasil**. Universidade de Brasília. Instituto de Letras - IL. Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas - LIP. Curso de Letras Português. Brasília/DF, 2016.

LINKS

Disponível em: <https://www.gov.br/mj/pt-br/assuntos/seus-direitos/classificacao-1/classificacao-1linguasinais.pdf>. Acesso em: 01 de jan. 2022.

Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2002/110436.htm. Acesso em: 01 de jan. 2022.

Disponível em:

https://educapes.capes.gov.br/bitstream/capes/176804/2/Livro_Linguagem%20Brasileira%20de%20Sinais_Libras.PDF. Acesso em: 01 de jan. 2022.

Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/educacao/lingua-brasileira-sinais-libras.htm>. Acesso em: 12 de jul. de 2022.

Disponível em:

<https://literaturaeeducacao.ufes.br/sites/grupoliteraturaeeducacao.ufes.br/files/field/anexo/3539.pdf>. Acesso em: 01 de jan. 2022.

Disponível em:

https://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/literaturaVisual/assets/369/Literatura_Surda_Texto-Base.pdf. Acesso em: 01 de jan. 2022.

Disponível em: <https://www.maosemmovimento.com.br/literatura-didatica-em-libras/>. Acesso em: 01 de jan. 2022.

Disponível em:

http://files.literaturaemlibras.com/CP24_Levando_a_literatura_em_Libras_para_o_futuro.pdf. Acesso em: 01 de jan. 2022.

Disponível em:

https://bdm.unb.br/bitstream/10483/18243/1/2016_BrendaCruzGomes_tcc.pdf. Acesso em: 01 de jan. 2022.